

INTERNETÊS: O NOVO GÊNERO CAUSA IMPACTO

FONTES, Briana Silveira Lima
brifontes@ig.com.br

SANTOS, Shirlei dos
shirlinhasud@hotmail.com

SOUZA, Luciana Virgília Amorim de
luvirgilia@hotmail.com

BERGER, Maria Amália Façanha. (Orientadora)
Graduada em Letras Português/Inglês, Mestre em Educação, Prof^ª do curso Letras-
Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
amaliafberger@yahoo.com.br

RESUMO

A Internet facilitou o processo de comunicação entre as pessoas e nesse espaço virtual surgiu um novo gênero de escrita, o Internetês, que vem ganhando destaque nas discussões a respeito do processo de ensino-aprendizagem de língua materna e caracteriza-se aqui como nosso objeto de estudo. Através de pesquisa bibliográfica e da análise de dados colhidos juntos aos alunos da 7^a e 8^a séries da Escola Adventista de Aracaju/SE, procuramos verificar se a linguagem usada por eles nas comunicações virtuais está, de alguma forma, interferindo na escrita formal dos mesmos. Entendemos ser esse um tema muito importante e atual que precisa ser estudado e entendido pelos docentes de Letras, uma vez que as novas tecnologias da comunicação e informação invadiram nossas vidas e saber lidar com elas e com o que advém delas é de suma importância no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Internet, internetês, norma-padrão, novas tecnologias.

INTRODUÇÃO

Desde o nascimento da Internet, em 1963, nos Estados Unidos, tentou-se interligar o mundo digital através dos mais diversos meios de comunicação para diminuir as barreiras existentes entre as pessoas e para que a troca de informações e conhecimento acontecesse de forma mais rápida. O mundo inteiro expandiu-se virtualmente com tamanha rapidez e comunicar-se com pessoas em lugares distantes ficou bem mais fácil, beneficiando principalmente as transações comerciais.

Hoje, um exemplo dessa praticidade está no fato de que as pessoas podem adquirir qualquer objeto que desejem em qualquer parte do mundo num simples “clique” de botão. No campo da pesquisa também houve avanços, através das bibliotecas e de inúmeros sites informativos *online*. Tudo isso é muito importante para a vida das pessoas que desejem interagir com o mundo virtual.

A conversa face-a-face transforma-se: as pessoas se encontram ambientes virtuais, em *chats* abertos ou educativos como os *fóruns*, e qualquer pessoa pode ter acesso a esse tipo de interação, desde que possua um computador ‘plugado’ com o mundo da Internet.

A popularidade da Internet começou a crescer por ser uma ferramenta que promove a interação dos povos do mundo inteiro, através de diferentes recursos como o *e-mail* que, por sua praticidade, permite que as pessoas se comuniquem sem ser necessário que elas se desloquem para resolverem seus compromissos pessoais ou de trabalho e problemas, em geral, com a vantagem de que a mensagem chega ao seu destino instantaneamente.

É também por meio da Internet que muitos conhecem pessoas das mais diversas partes do mundo e de seu próprio país, de forma descontraída e divertida, por meio dos famosos programas de bate papo como: ICQ, MSN e YAHOO MESSENGER, dentre outros.

Portanto, a Internet promove interação, integra e condensa todos os tipos de informações, que podem ser encontradas e compartilhadas nos diversos sites, os quais são geralmente dinâmicos e divertidos.

Os usuários da Internet se comunicam com mais dinâmica, e o mundo digital proporciona comunicação com o mundo global, que vê a língua como fonte de ação e interação humana, atingindo os mais diversos povos. A comunicação *online* vem se transformando e variando dinamicamente a todo e qualquer tempo e momento:

Sociedade da Informação. Velocidade. Conexões. Hipertexto. Interface. Acessibilidade. Há profusas palavras para definir o nosso tempo e todas trazidas pela informatização dos lares. Essa nomenclatura faz referência um novo tempo: um tempo orgânico, poroso e sempre em movimento (NUNES, 2007).¹

E como a linguagem é um meio de comunicação utilizado pelo ser humano, estando em constante transformação, evolução, ela vai sendo adaptada a essa nova sociedade.

Para a professora de prática de ensino e de língua portuguesa, Elisabete Monteiro,

[...] a expansão da linguagem dos internautas é inclusive utilizada em outros campos além da Internet (o que já ocorre), está diretamente relacionada como o investimento financeiro que o fenômeno pode garantir, ou seja, o quanto vai lucrar. Estando muito bem amparado pelo marketing, por campanhas publicitárias.²

O presente artigo pretende, pois, analisar o tipo de linguagem usada pelos usuários da Internet, o chamado “Internetês”, através de pesquisa bibliográfica e *online* e da análise de dados colhidos juntos aos alunos da 7ª e 8ª série, da Escola Adventista de Aracaju, no sentido de verificarmos se a linguagem usada por eles nas comunicações virtuais está, de alguma forma, interferindo na escrita formal dos mesmos.

¹ NUNES, Cláudia. Disponível em: www.seednet.mec.gov.br. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

² Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/2005030.htm>. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

INTERNETÊS, O NOVO GÊNERO CAUSA DISCUSSÕES E É MARCA DA MODERNIDADE.

Em meio às grandes transformações tecnológicas sofridas nas últimas décadas, podemos perceber a grande evolução dos meios de comunicação de massa e observar também que essa evolução está refletida no modo de linguagem dos usuários das novas tecnologias, que pela grande facilidade e rapidez dos sistemas de informação, procuram usar palavras resumidas, com grande poder de significação e que não faziam parte da nossa língua.

Esse novo gênero de linguagem é o chamado *Internetês*, que é o estilo de linguagem mais utilizado nos meios de comunicação virtual, quer seja através de e-mails, chats, blogs (diários virtuais), MSN e ICQ (programas de comunicação) e também nas mensagens enviadas por meio de telefones celulares, principalmente pelos jovens e adolescentes que dominam as novidades da comunicação virtual.

Atualmente, são inúmeras as discussões a respeito do “Internetês” – a linguagem escrita usada na Internet. Vale lembrar que a cada época histórica, a cada geração, em cada camada social e faixa etária da população, há um jeito próprio de falar, com vocabulários particulares, variando por conta das diferenças sociais e econômicas, estabelecimentos escolares freqüentados, acesso a fontes de informação, cultura, educação formal, profissão, etc.

O Internetês possui características próprias, tornando, para muitos, a comunicação mais “eficiente” e dinâmica, pois tudo gira em torno da quantidade de informação que está sendo produzida e trocada em pouco espaço de tempo, através de uma linguagem extremamente jovem, que por apresentar diferenças quanto à escrita padrão, vem incomodando e sendo alvo de várias discussões, ponto este de análise deste estudo.

Sabemos que a linguagem caracteriza-se como culta, vulgar e técnica e que, dependendo da região, o seu padrão usual vai variar; no entanto, com a chegada da Internet, as distâncias se perderam no tempo, surgindo um novo mundo, um mundo virtual e dinâmico e, conseqüentemente, uma nova linguagem, na modalidade da escrita, que se tornou imediatamente conhecida, o chamado Internetês. A popularidade dessa linguagem não acontece somente entre jovens que se apropriam desse meio, mas também entre os profissionais da área de educação.

As críticas sobre o uso do Internetês como sendo certo ou não, geram grandes polêmicas por parte dos estudiosos e pesquisadores. Uns dizem que essa novidade “vai pegar” e que vai ser ótimo para agilizar a comunicação, principalmente com a utilização dos *emoticons* e dos diferentes recursos de som presentes nas salas de bate-papo, que facilitaram e muito, a veiculação dessa “nova onda” no mundo digital.

Alguns estudiosos do tema, como Sírio Possenti, Marisa Lajolo, Ataliba de Castilho, dentre outros, dividem-se entre os que defendem, os que repudiam e os que buscam o bom senso, para sua utilização.

Para Castilho (2006)³, professor titular de língua portuguesa na USP, um dos especialistas que ajudaram a criar o Estação da Luz da Nossa Língua, “a linguagem da comunicação *online*, o Internetês, rompeu os limites a que estava restrito, invadindo a TV e até a escola. E o uso constante de computadores influencia a relação dos alunos com a escola e em particular com a língua”. No entanto, há um universo de pessoas que ainda está à margem desse processo, já que:

A proliferação de um linguajar abreviado tem relação direta com o convívio social de um usuário. Num país em que a maioria da população não usa computador e 3 milhões dos 10 milhões de habitantes de São Paulo nem sabem o que é um caixa eletrônico, a familiaridade com o internetês é diretamente proporcional à inclusão digital (CASTILHO).⁴

³ Disponível em: www.revistalingua.uol.com.br. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

⁴ Disponível em: www.revistalingua.uol.com.br. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, para muitas dessas pessoas, a escola será um dos poucos locais em que elas terão acesso à Internet e que o professor/a professora terá um importante papel no sentido de ‘abrir as portas’ desse mundo virtual para esses excluídos digitais, pois:

A educação tem um papel crucial na chamada “sociedade tecnológica” pois é um dos meios pelos quais os indivíduos serão capazes de compreender e de se situar na contemporaneidade, como cidadãos partícipes e responsáveis. E as novas tecnologias devem ser compreendidas e utilizadas como elementos mediadores para a superação da opressão na sociedade (SANTOS & MORAES, 2003, p.11).

Tomando como base a idéia acima, a compreensão das diferentes possibilidades de leitura e linguagens presentes na Internet ajuda no sucesso do processo de ensino-aprendizagem e, para a área de Letras, levar os aprendizes a entenderem as diferenças entre o uso do Internetês e da Língua Padrão, é de suma importância.

A linguagem da Internet tem seus pressupostos que, naturalmente, estão caminhando para um novo modelo de comunicação com uma linguagem acessível à maior parte dos hiperleitores. Desse modo, há uma exploração dos termos dessa área, os quais são transferidos para o contexto social e divulgados como uma linguagem global. (GALLI, 2005, p.,125).

Continuando nossa análise sobre o Internetês, quando entramos numa sala de bate-papo (*chatroom*) e começamos a conversar com alguém, fica muito difícil demonstrar nossas emoções e sentimentos através apenas de palavras, mas para tentar suprir essa carência, existem nesses *chats* ferramentas apropriadas para ajudar na hora do bate-papo, facilitando assim a conversação fazendo com que as palavras expressem o sentimento vivido no momento.

Tais recursos são imagens e sons que os participantes desses *chats* encontram para melhor enfeitar o bate-papo, através de fotos, músicas, desenhos e dos famosos *emoticons* (pequenas carinhas que expressam os mais diferentes sentimentos: tristeza, alegria, raiva, amor, etc.), além de símbolos, abreviações e termos que podem ser feitos utilizando o próprio teclado, como podemos ilustrar abaixo:

EMOTICONS	ABREVIACÕES	TERMOS MAIS COMUNS
:) Sorrindo	Vc = você	T+ = até mais
:(Triste	Cm = com	Oq = o quê?
;) Piscadinha	Qdo = quando	Vlw + valeu
:P Mostrando a Lgua	Não = ã ou naum	Blz = beleza
:´-(Chorando	Também = têm ou t	
=* Beijo		

Tabela 1- Fonte: Revista de Língua Portuguesa,ed. 5, 03/2006, p27

O uso desses artifícios tornou-se cada vez mais comum no mundo virtual por simplificar a escrita formal, objetivando agilidade na digitação, o que ocasiona a eliminação das regras gramaticais.  o que afirma o professor do departamento de Lingüística Aplicada da UNICAMP, John Robert Schmitz (2005):

Junto com o surgimento dos comunicadores instantâneos (*chats* online, *blogs*, MSN, ICQ), surgiu também uma linguagem tpica da Internet. Ela  caracterizada pela agilidade e facilidade de escrita, e, por isso,  composta quase que inteiramente por abreviações - ou podemos até dizer por códigos.⁵

O ‘interneteiro’ faz da Internet a extensão da sua vida social, até forma comunidades, como  possível no *Orkut* e, com a instantaneidade das conversas no MSN, acaba buscando uma forma mais rápida de se comunicar, deixando assim de escrever com a norma culta da língua. Há a falta de acentos, de pontuação, da expressão da palavra foneticamente e observa-se também que as letras retiradas das palavras, na maioria das vezes, são as vogais, ex. (cabeça = kba).

Esse diferente uso da língua tem trazido, pois, algumas questes preocupantes no que tange  comunicação e  escrita, pois muitas já são as deficiências no domínio da língua

⁵ Disponível em: http://www.universia.com.br/html/materia/materia_gjhb.html último acesso em: 15/ 05 / 2007.

padrão, apresentadas pelos estudantes ao escreverem redações, cartas, bilhetes (situações comuns do cotidiano).

A economia de tempo do Internetês é realmente a sua mola propulsora (pelo menos a princípio), e este fator, aliado à informalidade da conversa, faz com que os contatos (a linguagem é utilizada apenas para bate-papos) fiquem mais naturais. Inclusive, é comum no caso do uso da escrita, de acordo com a norma culta, que se gerem preconceitos entre os próprios “tecladores”: se alguém entra numa sala de bate-papo, e experimenta colocar os acentos corretamente nas palavras, acaba se denunciando e mostrando que não está acostumado com a Internet.

AS LÍNGUAS E LINGUAGENS SE TRANSFORMAM

A língua portuguesa, por exemplo, como língua neolatina derivada do latim, sofreu variações lingüísticas com o decorrer do tempo. Aponta-se que alguns normativistas defendem a língua padrão como a única correta, e não aceitam outro tipo de linguagem. Já os lingüistas não aceitam essa imutabilidade da língua culta.

Alguns lingüistas consagrados no Brasil como Bagno, Possenti, Ilari, entre outros, não aceitam este tipo de afirmação e chamam de “*Preconceito Lingüístico*” o fato do brasileiro não saber português. E então, o que falar dessa novidade da língua portuguesa surgida nesses últimos anos, o Internetês?

Não temos como afirmar que o Internetês será totalmente aceito em todas as áreas do conhecimento como instrumento legal, mas já se percebe seu uso hoje nos e-mails, *blogs*, no cinema e até nas redações de vestibular, mas nesse último caso, essa liberdade de

expressão é entendida e condenada como incorreta/inadequada, pois caracteriza-se um erro gritante escrever dessa forma nesse contexto de escrita formal.

A linguagem informatizada tem seduzido muitos jovens e adolescentes que, encantados com a nova possibilidade de comunicação rápida e atrativa por meio de bate-papos virtuais, estão se sentindo cada vez mais livres para expressarem suas idéias e sentimentos. Muito se discute sobre essa “onda de liberdade”, que ela tem levado os jovens a um descaso com a língua padrão, visto que o “Internetês” estimula uma escrita reduzida das palavras.

A opinião de estudiosos como Sérgio Nogueira (2006, p. 7) e Marisa Lajolo (2006, p. 32) é a de que, por conta do pragmatismo dos usuários da Internet (não todos, mas sua maioria), na ânsia de se comunicarem, acabam por suprimir letras, transformando sentimentos em ícones, e renunciando às mais básicas regras da gramática e ortografia. Contudo, eles são favoráveis ao Internetês, pois trata-se apenas de uma escrita empregada principalmente em *chats*, que são “conversas” escritas por grupos. São apenas grafia e “grafia não é linguagem”, afirma Sírio Possenti (2006, p.30)⁶.

Contraopondo-se a essas idéias, Eduardo Martins, citado no artigo de Sílvia Marconato (2006, p. 22)⁷ como um dos que prevê um futuro desastroso para a gramática por conta desta nova linguagem virtual, considera que um bombardeamento de diferentes grafias pode gerar dúvidas nos jovens ainda em formação.

Também o deputado federal Aldo Rebelo, numa entrevista concedida a *Revista Isto É* (ver referências), deixa claro a sua participação na luta contra as possíveis mudanças naturais na norma culta da língua. O parlamentar expõe sua indignação quanto à descaracterização da língua portuguesa pela invasão indiscriminada e desnecessária de

⁶ Revista Discutindo Língua Portuguesa, Você entende Internetês?, São Paulo, ano 1, nº 2, 2006,p30.

⁷ Disponível em: www.revistalingua.uol.com.br. Último acesso em: 15/ 05 / 2007

estrangeirismos, e a Internet é cheia deles, e entende que ocorrem verdadeiras mutilações na comunicação oral e escrita do cotidiano por meio de diversas expressões transmitidas pelos meios de comunicação de massa e pelos modismos em geral.

Essa é outra questão que faz parte das discussões a respeito da influência da Internet nas produções orais e escritas de seus usuários, a recorrente utilização das palavras estrangeiras nos *chats*. Mas essas são palavras que não impedem o fato da mensagem ser entendida pelos usuários como, por exemplo, *nickname*, *homepage*, *on-line*, *delete*, por já serem conhecidas nesse contexto de comunicação virtual e que perderiam seu poder de significação se usadas em nossa língua; nesse caso, elas deixam de ser neologismos para se incorporarem ao vocábulo português.

Karla Hansen, numa resenha publicada no site www.educacaopublica.rj.gov.br, cita que num programa semanal do TVE, chamado Observatório da Imprensa, jornalistas e professores debateram a questão do Internetês e deram suas opiniões a favor e contra essa nova modalidade de escrita, conforme segue abaixo:

Alberto Dines (escritor, apresentador do programa e jornalista), comanda o programa Observatório da Imprensa, incitando os convidados com a aposta de que “o internetês era nada mais do que um rebaixamento da língua”⁸. Sérgio Nogueira (professor, apresentador de um programa na Rede STV sobre língua portuguesa e convidado de Alberto Dines) considera o internetês um “fenômeno natural”. Marisa Lajolo (escritora, professora e estudiosa da Unicamp), não vê nada grave no internetês, considerando-a apenas uma linguagem usada pelos jovens que são, para ela, políglotas pela capacidade de comunicação diferente.⁹

⁸ <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=227>

⁹ <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=227>

Há também outras declarações midiáticas citadas no texto de Karla Hansen, como a de Ledo Ivo (poeta), o qual chama o internetês de “dialeto eletrônico”, considerando que estamos diante de um fenômeno que só vem comprovar a vitalidade da língua. Martha Medeiros (escritora), em uma crônica publicada no Jornal O Globo (20/03/05), mostrou-se assustada diante das legendas de internetês que estão aparecendo no *Cyber Movie*.(Grifo nosso)¹⁰

Existe hoje na Internet um site que lançou o movimento “Eu sei escrever”, disponível em: <http://euseiescrever.blogspot.com/> -, com os seus coordenadores preocupados com o “analfabetismo virtual”, incentivando o uso do português correto. Até mesmo um filtro de palavras com erros propositais existe neste site. Há a substituição automática das abreviaturas usadas pelas palavras corretas e dicionarizadas, com o destaque do texto corrigido em cor diferente ou em itálico.

Acreditamos que não se deva pensar que um usuário da Internet teria melhor qualidade de escrita se não usasse os jargões. Aliás, cabe aqui um adendo: discute-se a qualidade desses textos. A questão aí é outra: os textos seriam melhores se escritos em linguagem tradicional? Infelizmente, acreditamos que não.

UMA BREVE ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DA LÍNGUA E DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO.

Entende-se que não existem linguagens puras ou padrões melhores ou piores. O que existe são variações. A linguagem culta é ideal em certas condições, mas em outras, não. Há quem ache que até palavrão é ideal algumas vezes. A lingüística considera que o

¹⁰ <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=227>

falante culto não é o que conhece a gramática, mas o que sabe se adaptar às variações de linguagem, de acordo com cada situação.

O Internetês, nosso objeto de estudo, é só um exemplo de uso da língua, algo que dificilmente será usado por alguém o tempo todo. Diante da pluralidade cultural brasileira, ver o português culto (tanto o falado como o escrito) como único, é fechar os olhos para todas as culturas existentes em nosso país.

É histórico, quando se trata do ensino de língua portuguesa em nosso país, o fato da norma culta ser o único tipo de português ensinado na escola, originando uma noção de correto, gerando o preconceito contra outras variedades, inferiorizando-as. Trata-se, então, do que chamamos de *preconceito lingüístico*, aquele espalhado pela sociedade em relação às variedades lingüísticas existentes e não dominantes.

Tal preconceito deve ser enfrentado na escola, como parte de um objetivo mais amplo: o do combate à discriminação e respeito às diferenças. No entanto, deve-se, sim, ensinar a norma-padrão, tendo em vista seu grande valor histórico e uniformizador de um povo, afinal a língua, antes de tudo, é um dos elementos de identidade nacional mais presente:

Ensinar o padrão se justificaria pelo fato dele ter valores que não podem ser negados - em sua estreita associação com a escrita, ele é o repositório dos conhecimentos acumulados ao longo da história. Esses conhecimentos, assim armazenados, constituiriam a cultura mais valorizada e prestigiada, de que todos os falantes devem se apoderar para se integrar de pleno direito na produção/condução/transformação da sociedade de que fazem parte. (BAGNO, 2001)⁽¹¹⁾.

A escola deve ensinar a chamada norma-padrão, mas não deve fazer isso desprezando as outras normas e “dialetos” que existem na língua. O professor deve tomar conhecimento da pluralidade, da heterogeneidade e vitalidade características de todas as

¹¹ Trecho retirado do texto da Carta resposta para a Revista Veja - São Paulo, de autoria de Marcos Bagno, de 4 de novembro de 2001. Disponível em http://paginas.terra.com.br/educacao/marcosbagno/arg_textos.htm.

línguas vivas e reconhecer que aquele tipo de língua que ele vai ensinar na escola é apenas uma das múltiplas possibilidades de combinação oferecidas pelo sistema da língua portuguesa; uma variedade que goza de prestígio social, mas que, lingüisticamente, não tem nada de melhor nem de mais bonito.

O profissional docente de língua portuguesa precisa saber lidar com as várias combinações lingüísticas que fogem das regras da língua padrão, pois elas são empregadas constantemente no cotidiano. Aliás, vale ressaltar que a chamada norma-padrão é extremamente minoritária, sendo empregada por um número muito reduzido de pessoas.

Monteiro Lobato, que morreu em 1948, em seu livro *Emília no País da Gramática*, cuja primeira edição foi publicada em 1934⁽¹²⁾, já despertava para a questão deste tipo de preconceito (tão presente ainda nos dias atuais). Em conversa na varanda do Sítio do Pica-pau Amarelo, Dona Etimologia explica às crianças do sítio:

[...] Uma língua não pára nunca. Evolui sempre, isto é, muda sempre. Há certos gramáticos que querem fazer a língua parar num certo ponto, e acham que é erro dizermos de modo diferente do que diziam os clássicos.

- Quem vem a ser clássicos? – perguntou a menina.

- Os entendidos chamam *clássicos* aos escritores antigos, como o padre Antônio Vieira, Frei Luís de Sousa, o padre Manuel Bernardes e outros. Para os carrancas, quem não escreve como eles está errado. Mas isso é curteza de vistas. Esses homens foram bons escritores no seu tempo. Se aparecessem agora seriam os primeiros a mudar, ou a adotar a língua de hoje, para serem entendidos. A língua variou muito e sobretudo aqui na cidade nova. Inúmeras palavras que na cidade velha querem dizer uma coisa, aqui dizem outra. [...] Também no modo de pronunciar as palavras existem muitas variações. Aqui, todos dizem *Peito*; lá, todos dizem *Paito*, embora escrevam a palavra da mesma maneira. Aqui se diz *Tenho* e lá se diz *Tanho*. Aqui se diz *Verão* e lá se diz *V'irão*.

- Também eles dizem por lá *Vatata*, *Vacalhau*, *Baca*, *Vesouro* – lembrou Pedrinho.

- Sim, o povo de lá troca muito o V pelo B e vice-versa.

- Nesse caso, aqui nesta cidade se fala mais direito do que na cidade velha – concluiu Narizinho.

- Por quê? Ambas têm o direito de falar como quiserem, e portanto ambas estão certas. O que sucede é que uma língua, sempre que muda de terra, começa a variar muito mais depressa do que se não tivesse mudado. Os costumes são outros, a natureza é outra – as necessidades de expressão tornam-se outras. Tudo junto força a língua que emigra a *adaptar-se* à sua nova pátria.

A língua desta cidade está ficando um *dialeto* da língua velha. Com o correr dos séculos é bem capaz de ficar tão diferente da língua velha como esta ficou diferente do

¹²⁾ http://lobato.globo.com/lobato_Linha.htm

latim. Vocês vão ver. (LOBATO, 1994, p.45-46)¹³

Entende-se o papel do professor como não apenas difusor do ensino da norma padrão, mas também como apresentador (aos alunos e à sociedade também, porque não?) do quadro verdadeiro da situação lingüística do país, oferecendo exemplos de língua falada e escrita, formal e informal, rural e urbana, literária e não literária, culta e não-culta, e assim por diante, explicando as situações em que cada uma dessas modalidades pode ser usada e mostrando também o grau de prestígio ou não-prestígio social atribuído a cada uma delas, pois “A tarefa do professor será justamente elevar a auto-estima lingüística do futuro cidadão, mostrar a ele que ele já sabe português desde o berço, e que sua língua materna é tão valiosa quanto à língua que ele vai aprender na escola” (BAGNO, 2000)⁽¹⁴⁾.

Voltando à questão do Internetês, acreditamos que o empobrecimento dos textos produzidos em sala de aula não acontece exatamente por conta do uso da linguagem da Internet; o problema é muito mais antigo e enraizado em nossa cultura e um dos aspectos a serem observados nesse sentido, é a falta da prática da leitura e do uso do dicionário.

Há opiniões diversas sobre o uso dessa nova forma de escrever, o Internetês, como a de Marcelo Tas, apresentador do Programa Saca-Rolha, (Canal 21), um dos criadores do Castelo Rá-Ti-Bum, da Mesa de Etimologia do Estação da Luz da Nossa Língua, que diz:

Tenho um verdadeiro laboratório em casa, que são meus três filhos em idades diversas. Penso que todo pai, em vez de temer o internetês, deveria temer a falta de comunicação e afeto com seus filhos. Tem muito pai que reclama de o filho ficar grudado no computador, à TV ou ao videogame, mas não faz o menor esforço para oferecer nada de qualidade em troca. Qual pai oferece uma parte do dia, ou mesmo 15 minutos, de atenção exclusiva, de qualidade, a seus filhos? Esse é o ponto.¹⁵

Baseando-nos essas reflexões podemos afirmar que se o professor se der conta desses fatores já por nós mencionados, talvez possa assumir uma atitude diferente, menos

¹³ Disponível em: http://lobato.globo.com/lobato_Linha.htm. Último acesso em: 15/ 11 / 2006.

¹⁴ Trecho retirado do texto: Nossa língua vai mal? Oferecido como material para reflexão e debate para o programa "Salto para o futuro", transmitido pela TVE - Rio em 15 de junho de 2000. Disponível em: http://paginas.terra.com.br/educacao/marcosbagnos/art_nossa_lingua_vai_mal.htm. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

¹⁵ Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11061>. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

preconceituosa em relação à língua que os alunos trazem de casa e à língua que ele vai ter de aprender na escola. Por sinal, essa é justamente a atitude proposta pelo Ministério da Educação nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais (cujo objetivo é propiciar aos sistemas de ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, visando à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno)⁽¹⁶⁾ grifo nosso.

Os estudiosos que opinam desfavoravelmente a respeito do Internetês, argumentam que o uso constante desse tipo de linguagem faz com que se desaprenda a Língua Portuguesa, mas tal premissa é falsa, tendo em vista o que acontece com as pessoas que aprendem uma língua estrangeira: elas não esquecem sua língua nativa, mas ampliam seu leque de conhecimento lingüístico.

Concluindo esta parte do estudo, toda forma de rejeição às diferenças é preconceito e talvez seja o preconceito lingüístico o mais grave de todos, pois ao ser intolerante com a fala do outro, rejeitamos nossa própria cultura e menosprezamos a diversidade cultural brasileira. O ideal é que exista uma adaptação às diferentes situações que ocorrem no dia-a-dia, desenvolvendo uma forma de linguagem para cada uma delas, o Internetês aí incluído.

ANÁLISE DE DADOS COLETADOS PARA ESTA PESQUISA

Com o objetivo de perceber as implicações da linguagem eletrônica sobre adolescentes da faixa etária entre 13 a 17 anos, realizou-se uma pesquisa com 40 alunos da rede particular do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries) pertencentes à Escola Adventista de Aracaju. Além de entrevistas, foi solicitada uma produção escrita a cada um dos componentes desta amostragem, com vistas a fundamentar esta análise.

¹⁶ Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sef/ensfund/>. Shtm. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

Os dados coletados auxiliaram a verificar se existia nos textos dos alunos o uso do Internetês. Para tal, buscou-se traçar o perfil desses adolescentes, verificando se haviam características, preferências, expectativas que interferissem na leitura e, conseqüentemente, na produção escrita desses alunos e alunas.

Não se considerou, aqui, o aspecto sócio-econômico da amostra e sua interferência na produção textual, mas as variantes comuns a qualquer adolescente que “convive” com o texto eletrônico, seja na escola, no trabalho ou em casa. A análise dos dados deu-se de forma a verificar a relação entre o acesso à Internet e o domínio da escrita. Os dados a seguir apresentam os resultados da pesquisa:

Dentre os alunos entrevistados, 10 são do sexo feminino e 10 do sexo masculino, 17 na faixa etária entre 13 a 15 anos e 3 entre 16 a 18 anos. 14 alunos só estudaram em escola particular, 1 na pública e 5 nas duas redes de ensino. 13 nunca repetiram o ano e 7 já repetiram. 14 gosta de estudar e 6 não gostam pois acham a língua portuguesa muito difícil. Há, em relação à utilização da Internet, uma diferença significativa nos dados coletados. O acesso à internet não é possível para 9 alunos e para 11 alunos é uma prática diária pois possuem computador em casa.

Pretendeu-se verificar se os alunos entrevistados possuem hábitos de lazer, dentre os quais, o acesso à Internet e outros. 11 acessam a internet por diversão, 20 para pesquisas e 9 não usam a internet, 5 disseram que costumam sair nos finais de semana, 8 disseram que namoram aos finais de semana, 14 praticam algum esporte e outros 20 costumam assistir televisão.

Para traçar o perfil lingüístico dos alunos entrevistados, buscou-se levantar dados acerca de preferências que envolvam o acesso à comunicação. Quinze responderam que gostam de ler revistas e livros, quatro disseram que lêem jornais e um não gosta de ler nenhuma das opções. Onze alunos acham que não possuem nenhum problema com produção

textual e que o problema é a correção do professor, nove sentem dificuldades com a escrita mediante a diversos fatores como ortografia, pontuação, início e desenvolvimento do texto. Onze entrevistados gostam de buscar assuntos recentes na mídia, nove não tem nenhum interesse. Quanto à produção textual, seis não gostam de escrever nada e catorze gostam de escrever.

Esses dados possibilitam inferir que há uma identificação entre os limites e dificuldades na produção textual para os alunos. Além disso, eles fazem distinção entre a produção textual (a redação) e a escrita normal de qualquer mensagem não avaliada, ocasião em que a maioria têm facilidade para escrever.

Questionados sobre o domínio de informática, catorze atribuíram a si mesmos um domínio regular, seis disseram que é apenas básico, ou seja só sabem pouco. Porém todos usam a Internet de alguma forma.

Quanto à opinião dos entrevistados sobre a diferença entre a linguagem usada em ambientes virtuais e a ensinada nas escolas, seis não responderam, dez citaram as abreviações, dois não gostam de fugir da norma padrão de escrita, um critica as abreviações, que são muitas, e um aluno demonstrou preocupação com o uso dessa linguagem rápida e fácil da internet e a sua influencia na língua portuguesa.

Das redações feitas pelos entrevistados, nove foram bem redigidas sem muitos erros marcantes, em uma, a letra era quase ilegível, demonstrando a falta de vontade em escrever (como vocês podem afirmar isso com tanta certeza??, e apenas em duas ocorreu o uso de internetês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pequena amostra coletada, pudemos perceber que as dificuldades e limitações ligadas à produção de textos se apresentaram de forma “semelhante” pelos entrevistados, apontando as principais dificuldades que ocorrem com a maioria dos brasileiros (ortografia, pontuação, acentuação e coerência), não havendo diferença relevante para o objetivo principal da pesquisa, que é a influência do “internetês” na escrita dos alunos.

Nos textos produzidos pelos alunos, verificou-se que as limitações e “erros” em relação à norma culta da língua estão direcionados para os problemas relacionados à ortografia, a pouco domínio morfosintático e semântico nos textos escritos. Observou-se que as redações feitas pelos alunos que têm maior acesso à Internet apresentam mais informações e criatividade do que as daqueles que não a acessam.

Situando a Internet nesse contexto, é possível inferir que, como a conversação *online* só pode se concretizar através da palavra escrita ou de símbolos, as palavras digitadas no teclado do computador permitem iniciar uma relação virtual, possibilitando o resgate da comunicação por meio da escrita, sob outros critérios. No entanto, pouco, ou quase nada há de interferência da Internet no domínio lingüístico do aluno em situação de escrita de outra ordem. As limitações lingüísticas se assemelham àqueles que acessam e os que não acessam a Internet, como já exposto, ou seja, o nível de coesão textual não apresenta significativa diferença.

Este é um dado que ajuda a nortear este estudo: a ampla variedade de temas que circula na rede, bem como a interação das salas de bate-papo, permite a aproximação de usuários em busca de comunicação com outras pessoas, o intercâmbio de idéias e a contínua busca por informações. O correio eletrônico constitui-se também em uma

recuperação do hábito de exercitar a escrita. Mais do que isso, o texto eletrônico possibilita envolver o usuário em todo o processo preliminar de associação de idéias, experiências, vivências.

Acreditamos que o governo deva acelerar o processo de implantação de salas de informática nas escolas para que haja uma real inclusão digital, claro que primeiro instruindo os professores a reconhecerem as necessidades de seus alunos, a saberem lidar com a máquina e a escolherem metodologia adequada para, então, promoverem verdadeiras mudanças através das inúmeras possibilidades de troca e produção de conhecimento através das Novas Tecnologias, tendo a Internet como importante aliada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**. 41ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. **Linguagem da Internet: um meio de comunicação global**. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ªed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática**. 39ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

POSSENTI, Sírio. Você entende Internetês? **Revista Discutindo Língua Portuguesa**, São Paulo, ano 1, nº 2, 2006,p30.

SANTOS, Gilberto e MORAES, Raquel de Almeida. **A educação na sociedade tecnológica**. In: SANTOS, Gilberto Lacerda (org.). **Tecnologias na Educação e Formação de Professores**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FONTES ONLINE

BAGNO, Marcos. **Nossa língua vai mal?** Disponível em: http://paginas.terra.com.br/educacao/marcosbagno/art_nossa_lingua_vai_mal.htm. Acesso em 01/05/06.

BAGNO, Marcos . **Revista Veja** - São Paulo, de 4 de novembro de 2001. Disponível em http://paginas.terra.com.br/educacao/marcosbagno/arq_textos.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: PCNS de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sef/ensfund/>. Shtm. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

CASTILHO, Ataliba. **Jargão Online** . Disponível em: www.revistalingua.uol.com.br. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

DINES, Alberto. **Internetês: ameaça à Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=227>

HANSEN, Karla. **Internetês: ameaça à Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=227>

LAJOLO, Marisa. **Internetês: ameaça à Língua Portuguesa.** Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=227>

LOBATO, Monteiro. Disponível em: http://lobato.globo.com/lobato_Linha.htm Último acesso em: 15/ 11 / 2006.

MARCONATO, Silvia. **A revolução do internetês** . Disponível em: www.revistalingua.uol.com.br. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

MEDEIROS, Martha. **Internetês: ameaça à Língua Portuguesa.** Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=227>

MONTEIRO, Elizabete. **Os riscos da linguagem na/da Internet.** Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/2005030.htm>. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

NUNES, Cláudia. **“Internetês”, um mundo maravilhoso.** Disponível em: <http://www.seednet.mec.gov.br/artigos.php?codmateria=2502>. Último acesso em: 15/ 05 / 2007.

REBELO, Aldo. Língua Ferida. **Revista Isto É.** Disponível em: <http://www.zaz.com.br/istoe/1621/1621vermelhas.htm>> Acesso em: 13 set. 2006.

SCHMITZ, John Robert. **A linguagem dos jovens.** Disponível em: http://www.universia.com.br/html/materia/materia_gjhb.html. Acesso em: 15/05/2007.

TAS, Marcelo. **Barreiras Artificiais.** Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11061>. Acesso em: 15/ 05 / 2007.